

As pesquisas de Collor, sob suspeita.

Segundo o deputado Nilmário Miranda, o Vox Populi está conduzindo a opinião dos entrevistados. O presidencialável Leonel Brizola também tem suas dúvidas.

Os resultados das pesquisas de intenção de voto realizadas pelo instituto Vox Populi — lideradas e contratadas pelo presidencialável Fernando Collor de Mello (PRN), que retornou ontem cedo ao Brasil depois de 15 dias na Europa — estão sob suspeita. Para o deputado estadual mineiro Nilmário Miranda (PT), o Vox Populi está conduzindo a opinião dos entrevistados. Segundo Nilmário, a indução estaria ocorrendo na medida em que, após recolher os dados pessoais do entrevistado, os pesquisadores perguntam em quem ele vai votar e, depois, indagam “por que”, mas somente quando a resposta é Collor ou Brizola, como se apenas o voto em um dos dois candidatos fosse importante.

O deputado petista pensa até em entrar com um recurso no Tribunal Superior Eleitoral para impedir que o Vox Populi continue divulgando suas pesquisas. Outro que não confia nas prévias do instituto é o presidencialável do PDT. “Todas estas pesquisas são suspeitas”, disse Brizola ontem no aeroporto de Brasília, onde por pouco não tropeçou no próprio Collor, que, após desembarcar no Rio, chegava à Capital Federal em um jatinho alugado. Há uma semana, Brizola garantiu ter visto uma outra pesquisa indicando queda de Collor e sua própria ascensão na preferência do eleitorado. Na prévia do Vox Populi, divulgada anteontem, Brizola caiu (de 13% para 12,8%) e Collor subiu (de 41% para 42,8%).

Para não se encontrar com Brizola, Collor preferiu descer escondido pelo portão Norte do aeroporto, abandonando assessores e amigos que o esperavam no saguão. Avisado, Brizola desafiou: “Gostaria que esse moço não fosse covarde”, e continuou criticando as pesquisas.

Em Belo Horizonte o assessor de imprensa do instituto respondeu às acusações. Alexandre Horta garantiu que os “questionários de pesquisa eleitoral estão rigorosamente de acordo com o código de ética” da associação do setor, “não induzindo de forma alguma a opinião dos entrevistados”. Sobre a denúncia de Nilmário Miranda, Horta explicou que “esta limitação é feita para poupar tempo, sendo isto técnica corrente, ou seja, pedir explicação apenas para o voto nos dois candidatos que ocuparam melhor posição nas preferências da pesquisa anterior”.

Hoje Fernando Collor de Mello segue para Diamantina, junto com a deputada peemedebista Márcia Kubitschek. Lá a filha do ex-presidente JK anunciará oficialmente sua decisão de “collorir”, apesar da inútil tentativa de sua mãe, dona Sarah, para demovê-la da idéia. Dona Sarah não se conforma com a decisão de Márcia, que antes de “collorir” havia empenhado seu apoio a Ulysses Guimarães, do PMDB. Segundo amigos da família, Márcia quer se lançar candidata ao governo de Minas Gerais. Para isso, conta com o apoio da atual vice-governadora, Júnia Marise, que também apóia Collor apesar de pertencer ao PMDB.

Mas a herança eleitoral de Juscelino Kubitschek, que Collor espera receber das mãos de Márcia em Diamantina, pode estar perdida. “Juscelino é apenas uma lembrança”, afirma Francisco Caracciollo Lopes, presidente da Câmara da cidade mineira. “Juscelino existe aqui como existe lá”, resume, mineiramente, o vereador. Quando Collor desembarcar na cidade, às 17h30 de hoje, encontrará muito pouco de JK. Não existem em Diamantina herdeiros políticos nem genéticos do ex-presidente. A própria Márcia, sem o sobrenome Kubitschek, seria apenas mais uma turista na cidade.

Outra pesquisa

Uma prévia eleitoral realizada de 24 de junho a 4 de julho pelo Serviço de Pesquisa Econômica e Social, em Goiânia, demonstra que os goianos “colloriram”. Segundo a pesquisa, Collor tem 50,3% das intenções de voto em 10 cidades do Estado. O segundo mais votado é Lula (PT), com 4,74%, seguido de Ulysses Guimarães (PMDB), 3,17%.

Comentando sua liderança nas prévias, Collor disse, ao desembarcar no Rio, que “elas registrarão ainda mais meu crescimento”. Considerando sua viagem à Europa um êxito, ele manifestou confiança em que, se eleito, encontrará os caminhos para o Brasil sair da crise em apenas seis meses.



Collor, no Galeão: “A viagem foi um êxito”.



Brizola, desconfiado das pesquisas.